



A complexa paisagem da região vitícola de Lisboa

TEXTO MANUEL MADEIRA E VIRGÍLIO LOUREIRO

O potencial de uma região vitícola só pode ser devidamente explorado quando os seus produtores têm orgulho na identidade e originalidade dos vinhos que produzem. E isso só é possível quando tiram partido da paisagem em todas as suas vertentes. Essa tarefa está por fazer ou é incipiente na maioria das regiões vitícolas portuguesas, incluindo a de Lisboa. Se a essas limitações acrescentarmos as ameaças e desafios com que se confronta a viticultura do século XXI, nomeadamente as alterações climáticas, a necessidade de uma atividade sustentável e o respeito pelo ambiente e biodiversidade, percebe-se a importância de individualizar os principais tipos de paisagem da região de Lisboa, de forma a permitir selecionar racionalmente as castas e técnicas vitícolas para cada um deles.





Paisagem representativa da DOP Óbidos

A região onde são produzidos os vinhos com indicação geográfica “Lisboa” é generalizadamente aberta à influência do oceano, muito extensa, multifacetada quanto à geologia, morfologia do terreno, microclimatologia e solos, conferindo-lhe uma diferenciação e beleza deslumbrantes, mas também uma complexidade ecológica que desafia a capacidade técnica e criativa de vitivinicultores e decisores. Não surpreende, por isso, que haja tantos estilos de vinho, que percorrem toda a escala da qualidade.

Geologia muito complexa

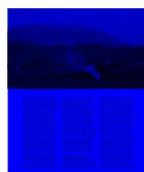
A geologia da paisagem da Região de Lisboa, como sucede na vizinha Bairrada, caracteriza-se pela presença generalizada de formações sedimentares, desde o Holocénico (areias, areias de dunas, aluviões, depósitos de vertente e formações detríticas de “terra rossa”), Plio-Plistocénico, Pliocénico e Miocénico (areias eólicas, depósitos de praias e

terraços, arenitos, leitos de calhaus rolados e calcários margosos e gresosos e calcários rijos), Oligocénico, Eocénico e Paleocénico (argilas, margas, conglomerados e arenitos), ao Cretácico e Jurássico, que são as de maior representatividade e mais antigas (arenitos, conglomerados e calhaus rolados, genericamente associados a solos de textura grosseira a média e de reação ácida, arenitos calcários, argilas, margas, margas salíferas, margas gipsíferas, calcários margosos a calcários duros, calcários dolomíticos, frequentemente associados a solos com reação alcalina e com carbonato de cálcio). Além dessas formações, têm também expressão as formações eruptivas, em que avultam, por um lado, as do Maciço Eruptivo da Serra de Sintra, que emergiu durante o Cretácico Superior (75-80 milhões de anos) e abarca granitos, sienitos e dioritos/gabro e, por outro, o Complexo Vulcânico de Lisboa-Mafra, datado desde o Cretácico Superior ao Eocénico, que inclui as formações basálticas da área de

Lisboa e diferentes chaminés e aparelhos vulcânicos exumados. Por fim, ainda que pontualmente, ocorrem formações magmáticas mais antigas associadas à “provincia magmática do Atlântico Central” - transição do período Triássico para o Jurássico - e representadas por filões e rede de aparelhos vulcânicos.

Relevo muito contrastante

Quem percorre a região poderá não se aperceber da complexidade geológica, mas não deve ficar indiferente aos contrastes e variações orográficas, reconhecendo a proeminência de maciços montanhosos calcários ou eruptivos - principal traço de originalidade -, o contraste entre cabeços e vales, as colinas e os vales de grande extensão, como o Vale Tifónico das Caldas da Rainha, que se estende da Nazaré a Óbidos. A diversidade e as abruptas variações das formações geológicas que afloram na região decorrem dos movimentos tectónicos (incluindo a tectónica salífera) durante os vários



Paisagem representativa da DOP Alenquer

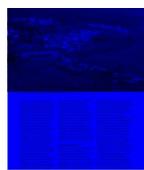
períodos geológicos, evidenciados por inúmeras falhas e fraturas, abatimentos, levantamentos, deformações, dobramentos e basculamentos. A esses movimentos associaram-se a incisão e a erosão diferencial das diferentes formações geológicas pela rede de drenagem dos pequenos cursos de água, pondo a descoberto os diferentes substratos geológicos mais antigos. A evolução do relevo da região resultou, assim, de um complexo processo controlado pelo clima, tectónica e oscilações do nível do mar, originando áreas baixas e planas ou mesmo depressionárias e mal drenadas e fortes diferenças no declive dos terrenos, definindo condições hidrogeológicas e de drenagem muito diferenciadas. Está aí a origem dos maciços montanhosos calcários que emergem na região, como a Serra de Montejunto, que constitui o miradouro natural mais alto da região, a Serra de Candeeiros e a Serra de Aire, ambas englobadas no Maciço Calcário Estremenho, bem como o relevo associado a

vales tifónicos, merecendo destaque, pela sua extensão, o que se desenvolve desde a Nazaré até Óbidos. Para a diferenciação orográfica da região, também importa, por um lado, considerar a contribuição da Serra de Sintra e, por outro, os inúmeros cabeços associados ao Complexo Vulcânico de Lisboa-Mafra, numa área de forte representatividade das altitudes entre 200 e 400 m, que constituíram o suporte natural para a implantação do engenhoso sistema de defesa militar das Linhas de Torres. A poderosa ação dos movimentos tectónicos, a emergência das formações eruptivas, as formas cársicas (algares, depressões e vales secos) e o desenvolvimento da rede hidrográfica originaram, portanto, o forte contraste do relevo no presente.

Clima bastante homogéneo

A região está aberta em toda a extensão à influência do oceano, numa latitude em que se verifica o afloramento do denominado "Sistema Norte da Corrente

das Canárias". Essa influência traduz-se na amenidade do clima, com invernos suaves e verões não muito quentes, em fracas amplitudes térmicas e elevada humidade relativa durante todo o ano, a que se associam os frequentes nevoeiros matinais e orvalhadas no período vegetativo. Ainda assim, a ocorrência de 2 a 3 meses secos no Estio dá ao clima o carácter mediterrâneo. A abertura ao oceano expõe a região à característica berleugada, que sopra regularmente no verão e conduz ar húmido para o interior da região, conferindo-lhe a característica nebulosa. Tais condições determinam, em grande parte da região, uma insolação anual reduzida – cerca de 2400-2600 horas – semelhante à das regiões da Bairrada e Entre-Douro e Minho. Estas circunstâncias retardam a maturação das uvas, mas favorecem a sua componente aromática e ácida, de grande importância para a elegância dos vinhos. Todavia, a humidade elevada e o orvalho facilitam a proliferação dos fungos, obrigando a constantes



Paisagem de vinhas antigas de Alcobaça (DOP Encostas de Aire)

e onerosos tratamentos das vinhas. Não obstante a subordinação da Região à predominante influência oceânica, a aludida diversidade orográfica (altitude e orientação), a direção das linhas de água e rios e a distância à linha de costa modelam a expressão dos elementos climáticos desde a escala regional à local. A exemplo de outras regiões confrontantes ao oceano, ocorrem gradientes dos elementos climáticos do litoral para o interior tais como a temperatura e amplitudes térmicas, insolação, precipitação, humidade relativa do ar, direção e velocidade do vento e geadas tardias. Por exemplo, à escala da região, a Serra de Sintra, devido à sua orientação E-W, atua como barreira aos ventos predominantes de N-NW carregados de humidade, determinando microclimas contrastantes a Norte e a Sul. Também as áreas de Alenquer e de Arruda dos Vinhos, protegidas da influência oceânica pela serra de Montejusto e abertas ao Vale

do Tejo, diferenciam-se fortemente das restantes pela maior radiação e temperatura. Ainda, as serras de Candeeiros e de Aire constituem uma barreira à expansão da influência oceânica para o interior do País, criando grandes contrastes entre, por exemplo, a sub-região de Alcobaça, localizada a Oeste, e a sub-região de Ourém, localizada a Leste. Importa salientar, pois, que as vinhas nas diferentes áreas da região também estão sujeitas a acentuadas variações microclimáticas, obrigando a uma escolha criteriosa das castas e do cultivo e condução da vinha.

Solos muito distintos

Em contraste com a relativa homogeneidade e amenidade climáticas, a paisagem da região mostra uma enorme variedade de rochas e de relevo, condicionando a natureza do coberto vegetal e o uso do solo. Como a natureza das rochas e o relevo são, no ambiente mediterrâneo, as variáveis que mais

fortemente condicionam a diferenciação das características dos solos, é também expectável uma extrema variabilidade de tipos de solos e da expressão das suas funcionalidades. Será esta uma das razões por que, ao contrário da Bairrada, em que a natureza do solo é constantemente invocada, na Região de Lisboa a norma é a exaltação de locais e DOP's. Segundo a Base de Referência Mundial de Solos e tendo em conta a informação cartográfica disponível (mas insuficiente), ocorrem Fluviossolos, nas áreas aluviais e de terraços baixos, associados a elevada produtividade, dada a sua grande espessura e favoráveis condições de humidade, mas impróprios para a viticultura; Arenossolos e Podzóis desenvolvidos sobre formações arenosas (nomeadamente as dunares); Regossolos, Regossolos calcários, Cambissolos e Cambissolos Calcários, com características físicas e químicas muito dependentes da natureza dos materiais geológicos sobre



Vinha de chão-de-areia, DOP Colares

os quais se desenvolvem; Leptosolos, os ditos solos delgados e impróprios para cultivo e frequentemente associados a cobertura florestal; e, eventualmente, Calcissolos, Vertissolos e Luvissolos. Estas designações taxonómicas, no entanto, terão pouca utilidade se não houver a necessária informação das propriedades do solo, indispensáveis para fundamentar as opções de cultivo e condução da vinha. Assim, ao complexo mosaico de solos da região corresponde uma ampla variabilidade quanto à profundidade e pedregosidade, textura (arenosa a argilosa), composição mineral da fração argila, grau de fendilhamento e compactidade, teor de matéria orgânica, reação (ácida a alcalina) e teores de calcário e calcário ativo, condicionantes da disponibilidade de nutrientes. Deste modo, aos diferentes tipos de solos da região estão associados padrões muito variáveis quanto às condições de enraizamento das videiras, disponibilidade hídrica,

drenagem e arejamento, disponibilidade de nutrientes, facilidade de execução das práticas de cultivo (são frequentes os solos difíceis de trabalhar e que “atascam”), riscos de erosão e deslizamento de terras e cuidados inerentes à conservação do solo e da água, consentâneos com uma gestão sustentável de ecossistemas.

Em conclusão, é muito desejável que a tutela desenvolva um sistema de zonagem fundamentado da região e respetivas Denominações de Origem Protegida (DOP's), estimulando a adequada escolha de castas e de práticas de gestão da vinha de acordo com as múltiplas condições ecológicas locais, com vista à definição da identidade e originalidade dos vinhos.

As especificidades das Denominações de Origem Protegidas

Os elementos do ambiente físico capazes de diferenciar potenciais zonagens vitícolas são muito variados e

complexos, seja à escala da região seja à das diferentes DOP's. À luz da atual diferenciação das DOP's, reconhece-se a homogeneidade de algumas delas, como Colares, Carcavelos e, em certa medida Bucelas e Arruda dos Vinhos. Porém, as DOP's de Alenquer, Lourinhã, Óbidos e Torres Vedras são demasiado extensas e heterogêneas para suportarem estilos de vinhos identitários. Finalmente, a DOP “Encostas de Aire”, abarcando as sub-regiões de Alcobaça e Ourém, é um paradigma da diversidade. Neste caso, uma demarcação com base na tradição histórica seria mais fácil de aceitar e fundamentar.

Nota: Os autores agradecem aos colegas José António Gomes Pereira e João Melícias e ao Senhor Carlos João Pereira da Fonseca terem servido de guias e facultado prestimosas informações durante as visitas à região.